

NEREUS

Núcleo de Economia Regional e Urbana
da Universidade de São Paulo
The University of São Paulo
Regional and Urban Economics Lab

**ODESSA: MOMENTOS DE PAZ NUM DIA DE GUERRA DA
UCRÂNIA**

Tomaz Ponce Dentinho

TD Nereus 03-2022
São Paulo
2022

Odessa: Momentos de Paz num dia de Guerra da Ucrânia

Tomaz Ponce Dentinho

Resumo. A Ciência Regional tem tratado mais das regiões do que das suas fronteiras assumindo-as usualmente como periferias facilmente conectadas com distância e acessibilidade, mas que evita tratar a função das fronteiras como barreira ou organização do espaço ou mesmo analisar a sua criação que, no caso de fronteiras entre países, são normalmente definidas por guerras e conflitos. A guerra da Rússia com a Ucrânia e a obrigação de pensá-la leva-nos a colocar o desenho e a função das fronteiras na agenda da Ciência Regional. Neste documento de trabalho exploramos a ideia de fronteira como espaço mínimo de proteção de portos de bacias que confluem com o mar, procuramos a sua aplicação à fronteira da Ucrânia, recolhemos percepções da fronteira entre a Moldávia e a Ucrânia, a Roménia e a Ucrânia e, em ambiente de guerra, entre a Ucrânia e a Rússia. Com base numa visita de poucas horas num dia de guerra, intuímos sobre a estratégia de invasão russa e sobre a dualidade entre fronteiras e contrabando. Finalmente argumentamos sobre a urgência de estudar os custos e benefícios das sanções económicas como arma de guerra e sobre os efeitos de vários cenários de evolução da guerra incluindo a integração da Ucrânia na Europa.

1. Introdução

Nos dias 20 e 21 de maio de 2022, o Centro de Estudos Europeus da Universidade de Iasi organizou o seu congresso anual tendo uma das três sessões abordado o tema “O papel da Ciência Regional na Reconstrução e Resiliência da Ucrânia”. A sessão era para ter ocorrido na Universidade de Chernivtsi na Ucrânia, a cerca de 200 Km, mas a situação de guerra fez-nos adiar esse encontro coletivo para junho ou julho deste ano.

No entanto já tinha comprado os voos de regresso e tentei indagar junto de colegas da Moldávia se seria possível ir a Odessa na Ucrânia onde poderia encontrar-me com outros colegas pessoalmente. Os contatos universitários de Odessa tinham ido aos Estados Unidos, mas mesmo assim não havia melhor forma de ocupar aqueles dois dias do que tentar visitar Odessa e perceber com segurança o ambiente de guerra no local e, o que acabou por ser mais importante e também levar mais tempo, aprender com o atravessamento das fronteiras em tempo de guerra. Este texto conta essa história com o enquadramento que apresentei sobre fronteiras na comunicação preparada para a sessão do Congresso (Ponto 2), com o relato da ida, da estadia e do regresso (Ponto 3), retira

algumas ideias que podem acrescentar ao que vamos sabendo pelas notícias (Ponto 4) e conclui com a indicação de iniciativas no futuro próximo.

2. Fronteiras em Ciência Regional

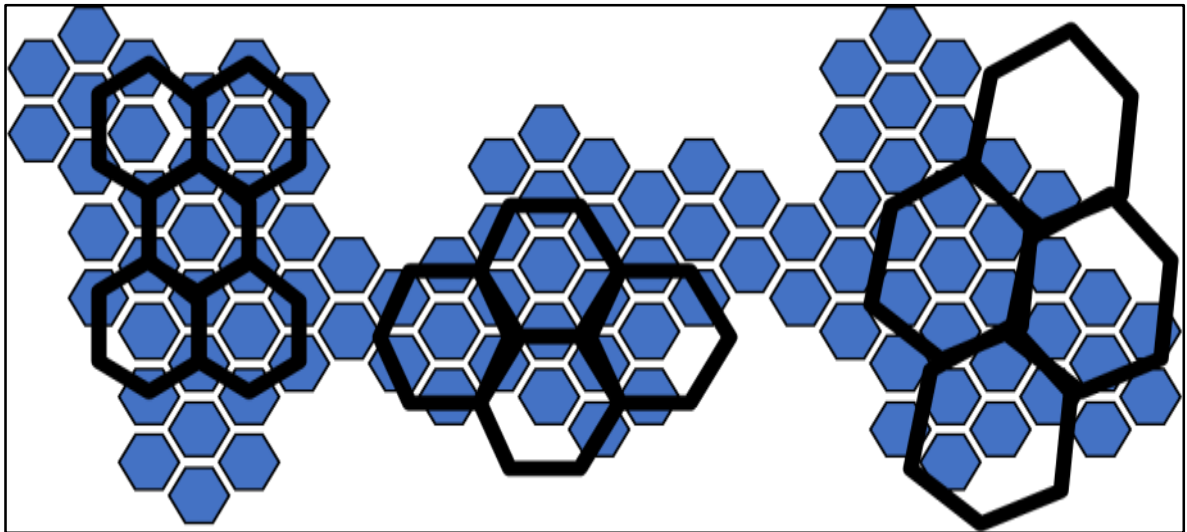
Num artigo recente, Peter Nijkamp (2021) argumenta que as fronteiras são mais do que barreiras para serem possibilidades de ligações, curiosamente em sintonia com o título da minha comunicação na sessão do Congresso de Iasi em 2022 “De Fronteiras de Guerra a Fronteiras de Paz”.

A Ciência Regional refere muito mais o conceito de região do que o conceito de fronteira embora todas as regiões tenham implicitamente uma fronteira, seja ela definida por uma divisão administrativa, por um gradiente de fluxos (Tellier and Gelb, 2018) ou por uma barreira física. No entanto as fronteiras definidas pelos homens têm impactos positivos e negativos (Nijkamp, 2021).

No tempo romano a fronteira dividia o mundo considerado civilizado do mundo bárbaro; historicamente as fronteiras tendem a ser demarcações territoriais de identidades nacionais; geograficamente os rios, as montanhas e os mares servem muitas vezes para delimitar regiões de alguma homogeneidade; há ainda regiões administrativas que definem bases de taxaço, de serviço, recolha de dados e de representaço política.

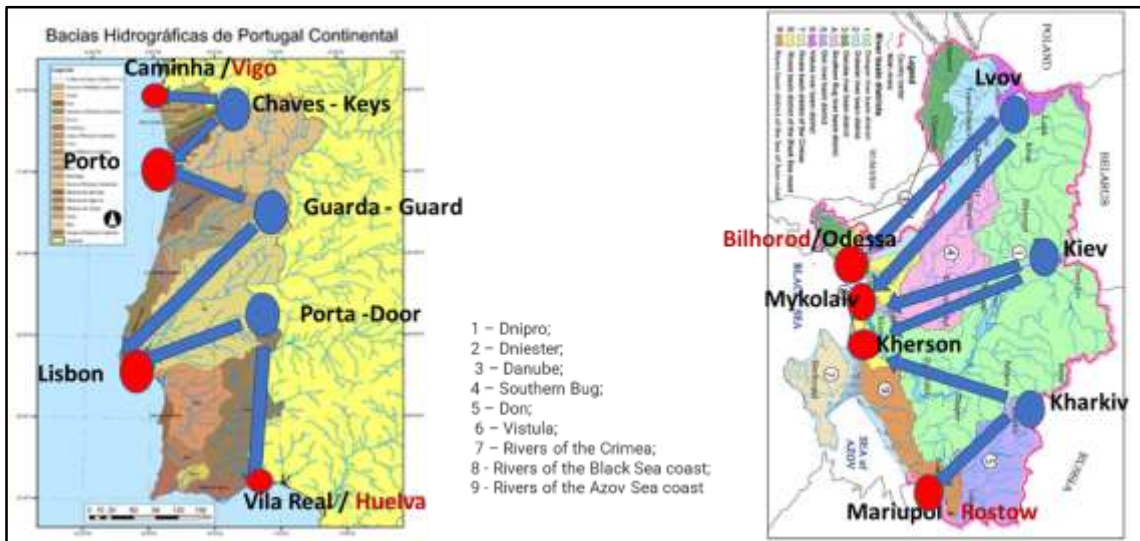
A Teoria dos Lugares Centrais de Walter Christaller (1966), pensada para um espaço homogêneo, sugere que existem fronteiras difusas. Numa lógica de mercado, cada região periférica é fronteira de três centros de nível superior. Numa lógica de acessibilidade, cada região de periférica é fronteira de dois centros de nível superior. Finalmente, numa lógica administrativa cada região periférica é fronteira de um centro de nível superior.

Figura 1. Fronteiras de Mercado, Acessibilidade e Administrativa de Christaller



O Paisagista Álvaro Ponce Dentinho (mimeo) justificou as fronteiras de Portugal, curiosamente as fronteiras políticas mais velhas da Europa, como a “fronteira mínima” para defender as costas adjacentes aos portos de Porto e de Lisboa com base no limite das bacias rios. Pela Figura 2a, e partindo da Vila Caminha na foz do Rio Minho é necessário subir pelo limite sul da bacia do Minho até Chaves para que, ligando à fronteira norte da bacia do Rio Douro, se chegue ao Porto garantindo-se a defesa da costa deste a Vila de Caminha ao Porto. De novo partindo do Porto é preciso subir o limite sul da bacia do Douro para que, ligando ao limite norte da Bacia do Tejo se chegue a Lisboa garantindo a defesa da costa entre Porto e Lisboa. Também para defender a costa de Lisboa até à foz do Rio Guadiana basta subir limite sul da bacia do Tejo até Portalegre e descer o limite leste da bacia do-Guadiana até Vila Real de Santo António. A fronteira é assim definida pelas Chaves, Guarda e Porta do país correspondendo as zonas entre elas aos *canyons* dos rios Douro, Tejo e Guadiana. Espanha, país continental, fica com as *cuencas* altiplanas dessas bacias. Não é por acaso que as invasões históricas do país ocorrem por estas portelas e portos.

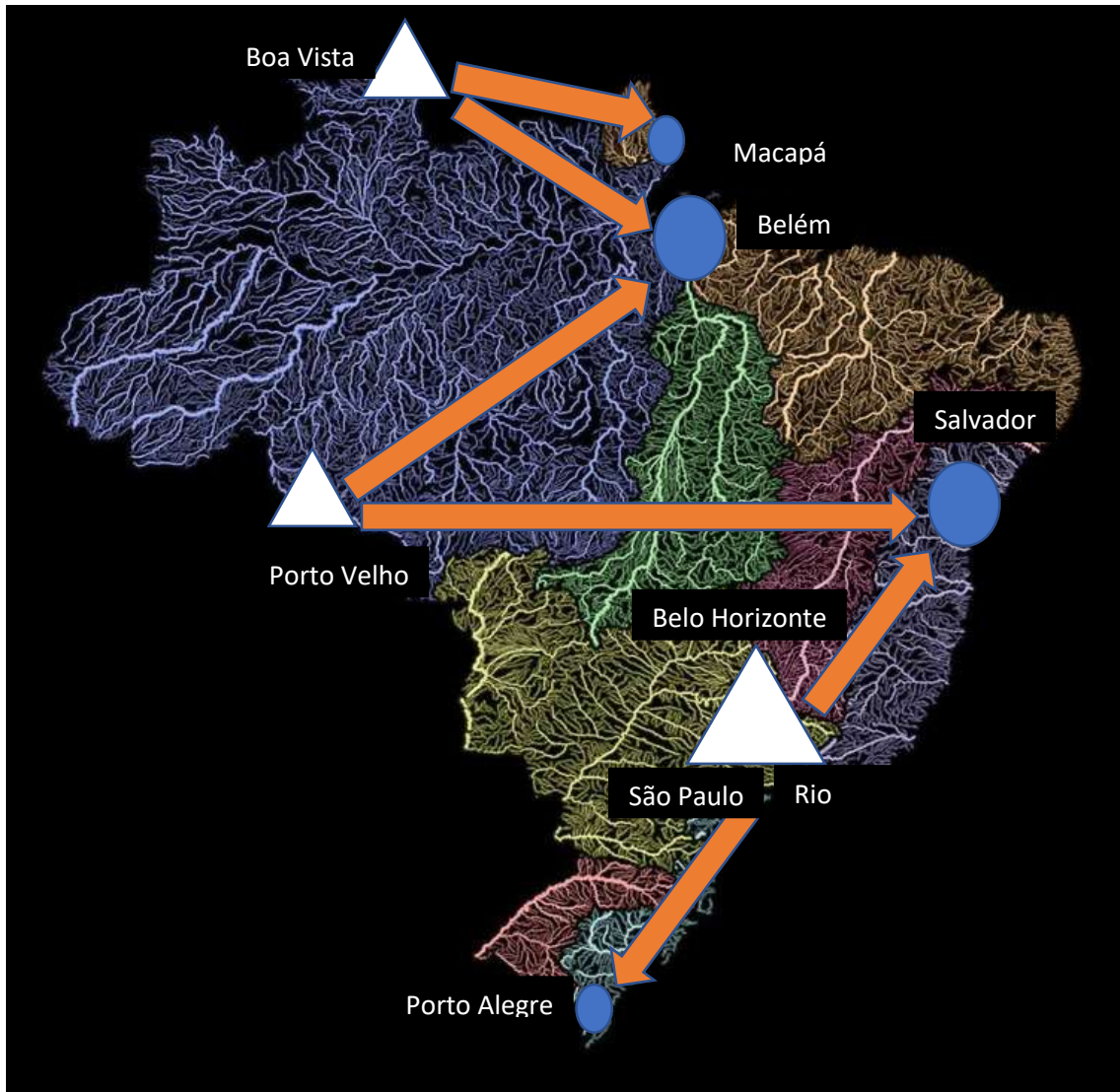
Figura 2. Fronteiras Mínimas para defesa da Costa e dos Portos.



A mesma análise feita para a Ucrânia justifica a sua fronteira terrestre em função da defesa da costa de Odessa a Mariupol. Pela Figura 2b, e partindo do Odessa é necessário subir pelo limite oeste da bacia do Dniester até Lviv para que, ligando à fronteira sul da bacia do Vistula e limite oeste do Southern Bug e do Dnipro, se chegue a Mukolaiv, garantindo-se a defesa da costa desde Odessa a este porto. De novo partindo de Mukolaiv é preciso contornar o limite da bacia do Southern Bug para que, ligando ao limite da Bacia do Dnipro se passe por Kiev e se chegue a Kherson garantindo a defesa da costa entre Mukolaiv e Kherson. Também para defender a costa de Kherson até Mariupol é preciso ter a fronteira em Kharkiv contornando pelo Rio Don e o seu afluente, fronteira com a Rússia. Não é por acaso que a invasão da Ucrânia ocorre por estas portelas e portos.

Porque estamos a escrever em português vale a pena fazer um ensaio do modelo conceptual da definição das fronteiras para o Brasil, naturalmente tendo em atenção a dimensão das bacias hidrográficas que fluem para o mar que influenciam a dimensão dos países.

Figura 3. Fronteiras Mínimas para defesa da Costa e do Interior do Brasil.



Pela Figura 3, para defender a costa entre Macapá e Belém preciso ter fronteira em Boa Vista, para defender a costa entre Belém e Salvador é necessário ter a fronteira em Porto Velho e para defender a costa entre Salvador e Porto Alegre bastaria chegar às cumeadas de Belo Horizonte, Rio (Petrópolis) e São Paulo. No entanto para defender os planaltos das Cuencas do Paraná e Paraíba até aos canyons que defendem Buenos Aires e Sacramento, a fronteira do Brasil estende-se a sul até esses canyons. Há uma lógica “portuguesa” na defesa da costa de Macapá a Porto Alegre mas como o eixo continental Belo Horizonte, Petrópolis, São Paulo fica muito perto do mar o Brasil assumiu uma lógica “espanhola” na delimitação das fronteiras a sul, com fronteira no Canyon do Iguasu.

3. O Cruzamento da Fronteira de Odessa (Testemunho)

3.1. A ida

Na ida para Odessa reaprendi a dominar o medo em grupo e a perceber tangencialmente o estatuto de nômade refugiado.

Figura 4. Igreja na Estrada para Odessa ao Nascer do Sol



Sintomaticamente, éramos cinco homens e uma senhora, ao contrário do regresso com 9 senhoras e cinco homens (alguns dos quais contrabandistas -- já vos conto). Para lá, condutor sereno e programado, o do “lugar do morto” que dava o exemplo benzendo-se com assiduidade, eu, um alto que falava bem inglês, um outro mais novo e a senhora. Saímos às 10 da noite de Chisinau, pusemos gasóleo com calma, percorremos 150 km com serenidade e passamos o posto da fronteira à meia noite com a compra de muitas garrafas de álcool no free-shop. No entanto ficamos cinco horas na terra de ninguém à espera que clareasse o dia. Estiquei-me pelos três assentos, um espaço e o meu lugar, adormeci, ajeitei-me, pensei que poderia estar a ser raptado e acordei quando os detrás tentaram passar por cima das minhas pernas. Não custaram muito estas horas no melhor lugar do dormitório da van.

Mais cinquenta quilômetros com algumas barreiras militares ensonadas e chegamos às cinco da manhã clara de Odessa. O sol desperta.

3.1. Cinco Horas em Odessa

5:00 Horas em Odessa. Passei pela estação sem comboios e fiz uma ou duas tentativas para chegar ao mar. Numa esbarrei com um condomínio de casas boas. Da outra vez com barreiras militares. Na terceira vez passei mas não pude chegar ao areal porque anunciavam minas (não que alguém não fizesse jogging junto ao mar mas deve ser um militar conhecedor).

Pelas 8:00 procurei um café com internet; o café era do dia mas o bolo doce de anteontem. Carregado o telefone e ligado o Waze foi fácil chegar aos sítios em inglês e de táxi. E assim fui à Universidade que só tinha funcionários porque professores e alunos tinham desaparecido. As ruas estavam contudo cheias, primeiro de varredores e corredores, depois de carros e gente. Fui lá para dizer que deveríamos ter ido e devemos ir fazer workshops e seminários nessa terra importante para a Europa e para o Mundo. Porque não é perigoso se formos nas vans do povo. E é aí que se aprende muito e se pode intervir no pormenor e na proximidade, na ida para lá, quando por lá estamos e no regresso como vos conto noutro post.

Figura 5. Praia de Odessa Minada



3.3. Regresso

O regresso de Odessa foi também bem vivido. Os homens éramos cinco: o condutor, o “gestor”, o colaborador, a vítima potencial, um jovem médico neurocirurgião do Iraque que vive há muito com os pais na Ucrânia e que ia a uma entrevista na Inglaterra, e eu. As senhoras eram nove, algumas ucranianas que tinham ido visitar os maridos e regressavam para os países de acolhimento (15 euros de Odessa para Chisinau, 15 euros de Chisinau para Iasi e 15 euros de Iasi para Amsterdão). Outras eram da Moldávia, algumas mais silenciosas possivelmente fugidas pela primeira vez, outras ainda talvez russas pois continua a haver vans de Chisinau para Moscovo . Vá-se lá saber. O que é certo é que a língua comum é o russo.

Figura 6. Campo para Refugiados Vazio



Sáímos às 10:00 da manhã de Odessa. Nos cinquenta quilômetros até a fronteira com a Moldávia passamos por vários postos militares com rapazes e raparigas bem equipados e de boa cara nos pediam para levantar o passaporte aberto. Apenas perguntavam aos homens mais novos para onde iam (o colaborador, a vítima potencial e o jovem médico Iraquiano que falava perfeitamente inglês, árabe, russo, alemão, francês e iraniano).

Passamos depressa o posto de fronteira ucraniano e fomos recebidos nas tendas da Cruz Vermelha para um cafezinho (lá estavam as caras simpáticas dos voluntários estranhamente mais expectantes daquelas de quem queriam ajudar). A história do regresso começou no posto de fronteira da Moldávia onde ficamos do meio dia às quatro da tarde. Retiraram-nos passaportes e cartões de identidade, mandaram-nos sair com as bagagens que tivemos de abrir cercados por guardas indagadores: cuecas, meias, camisas, sapatos, comida, chocolates, aparelhos electrónicos, o meu livro, chá, café, e... cinco casacos de peles, tudo saía daquelas malas ao mesmo tempo que um cão alegre farejava por todo o lado. O problema foram os casacos de peles que só apareceram no fim quando o bem parecido, calmo e grisalho “gestor” já depois de ninguém ser apanhado, se lembrou de trazer um último pacote da van. Passaram horas em que uma das senhoras foi buscar croissants e água à Cruz Vermelha, e depois de muitos interrogatórios ao gestor, ao colaborador e à vítima potencial o colaborador foi preso. O que vale é que vou ficando para velho e tento fazer um ar mais respeitável e calmo quando é preciso e quando

consigo. E fui avançando no livro da Clarice Lispector que tenho que ler (é demasiadamente de menina para senhoras) para o nosso grupo de leitura.

O espantoso é que quando saímos desta espera na fronteira paramos na cidade mais próxima na esquadra da polícia fiscal; as caras eram já conhecidas. Começou então a gestação do grupo de passageiros. Lavei os dentes para um caixote de lixo com uma garrafa de água embora o iraquiano me tenha pedido para não desrespeitar a polícia fiscal, o jovem iraquiano contou-me a sua vida e pediu-me apoio para a aquisição de quatro equipamentos urgentes para o hospital onde trabalha em Kiev e onde os jovens médicos como ele só ganham 200 euros por mês (por isso quer ir para Inglaterra) enquanto os soldados ganhariam 1000 euros por mês. As senhoras ucranianas pediram ao médico para que eu desse boleia de taxi a uma outra quando fossemos da estação do Norte à do Sul em Chisinau; lá de onde saem as camionetas para Iasi na Roménia. O motorista veio a medo pedir assinaturas para a guarda fiscal mas nem eu e o Iraquiano o fizemos. E só saímos daquela combinação estranha entre o gestor e a polícia quando o jovem iraquiano em russo, seguido por mim estranhamente muito mais calmo e em inglês, entramos pelo corredor da esquadra a falar sem parar em russo e a acalmar em inglês (percebi apenas que falava em Portugal e no Iraque e intuí que denunciava corrupção). A verdade é que um minuto depois estávamos cá fora com o vitimado potencial (lembrem-se acima) feliz, libertado e acenando de braços abertos (possivelmente só queria boleia), com o gestor entristecido, o condutor calado, as senhoras gossipando e sorrindo e o jovem iraquiano acalmando e contente do dever cumprido (grande Hussein libertador).

O gossip entre as ucranianas e moldavianas continuou quando já perto de Chisinau a van parou para receber dois jovens e uma jovem que vimos terem sido detidos na esquadra da fronteira, provavelmente trazidos até ali por algum dos guardas no caminho para casa. Ainda viajei para Iasi com a ucraniana que fugiu para a Holanda com o filho e a mãe. Está contente porque vai regressar a ver o marido dentro de três semanas por 45 euros e já tem emprego na Holanda. Comprei um chocolate no free-shop da fronteira para a sua mãe. A minha veia de contrabandista veio ao de cima na análise daquela rede de contrabando de peles entre o Leste e o Oeste que certamente se tornará empresarial numa Europa alargada à Moldovia e à Ucrânia dentro de poucos anos. Acontecia assim em Portugal antes integração europeia em 1984, acontecerá certamente em todo o lado quando deixa de haver barreiras à circulação de bens e de pessoas. A circulação de males

e de maus vê-se nos centros e não nas fronteiras. Foi bom conversar convosco. Até para o ano em Mariupol.

(Fica-me na consciência uns velhos a quem não demos boleia ao fim do dia quando pediam à van para parar e um bêbado ferido na rua de Odessa).

4. Ensinamentos da Fronteira

Desta viagem recolhi vários ensinamentos que importa registar.

- a) Existem fronteiras, mas a sua tipologia pode variar conforme o sentido em que se cruzam. Da Moldávia para a Ucrânia há uma fronteira de guerra, com esperas pelo amanhecer, com fortificações mobilizáveis em caso de necessidade e com barreiras para controle de desertores. Da Ucrânia para a Moldávia há por um lado o apoio humanitário excessivo e redundante, a corrupção de contrabando e o crime potencial na captura e tráfico de seres humanos; ambos permitidos pelas barreiras regulamentares que impendem a livre circulação de pessoas e de bens.
- b) Existem povos silenciosos que sofrem a guerra e que não se manifestam porque entre a liberdade do desenvolvimento e a segurança do autoritarismo preferem o primeiro, mas entre a segurança do autoritarismo e o sofrimento da guerra talvez prefiram a segurança autoritária. Afinal de contas assinaram um papel em branco na esquadra da polícia.
- c) Finalmente percebi que Putin só cai se a Europa assumir com esforço as sanções totais ao gás e ao petróleo e aceitar sem reservas a integração da Ucrânia, da Geórgia, da Arménia, da Turquia, da Moldávia e dos Balcão Ocidentais na Europa (e porque não da Síria, do Líbano, de Israel, do Egito, da Líbia, da Tunísia, da Argélia e de Marrocos). É verdade que a Europa será a Europa da liberdade e não da burocracia, mas com esta Europa da paz, da liberdade, da democracia e do desenvolvimento sustentável, também a Inglaterra, a Suíça e a Noruega farão parte. Putin não cai e a guerra não acaba também por culpa do ocidente. Porque temos medo da paz e deixamos que os Ucrânios, Georgianos,... lidem com o

medo da guerra. Porque não enfrentamos os burocráticos de Bruxelas que obedecem aos sonhos perigosos e falhados da Europa Imperial de má memória.

Neste sentido são urgentes duas iniciativas:

- i. Um workshop para analisar e discutir os custos para a economia e os benefícios para o resultado da Guerra associados às sanções sobre as exportações de gás e petróleo da Rússia.
- ii. Um outro workshop sobre o impacto do alargamento da União Europeia à Ucrânia, Moldávia, Geórgia e Balcãs Ocidentais (Servia, Kosovo, Montenegro, Macedónia do Norte e Albânia).

Referências

- Christaller, W (1966). *Central Places in Southern Germany*, Englewood Cliffs, N. J., Prentice Hall.
- Nijkamp, P. (2021). Borders as opportunities in the space-economy: towards a theory of enabling space. *Asia-Pacific Journal of Regional Science*, volume 5, pages 223–239 (2021)
- Tellier, L.N. and Gelb J. (2018). An urban metric system based on space-economy: Foundations and implementation. *Regional Science Policy & Practice*, Volume 10, Issue 3 p. 145-160.